

APRESENTAÇÃO

MEMÓRIA MATERIAL E MATERIAIS DE MEMÓRIA

Conta-se a estória de um homem que, tendo sido ofendido pelos seus inimigos, cuidadosamente guardava, apertado entre duas folhas de um caderno, um pequeno ramo cortado de um arbusto que estava plantado no lugar em que ele havia sofrido a grave ofensa. Quando a memória desse momento parecia esbater-se, retirava o caderno da algibeira, palpava a planta ressequida – e de novo a história se tornava vívida e o antigo sentimento ressurgia inteiro. Esquecer-se não podia, porque equivaleria a perdoar.

Serve esta estória para apresentar o n.º 2 da revista *CEM / cultura, espaço & memória*, porque nela se associam as duas metades do tema a que esta se dedica – *Memória material e materiais da memória* – isto é, o poder de evocação do passado que os objectos possuem e o lugar que este ocupa na «imaginação epistemológica» das sociedades. Como a «cebola» de Günter Grass, também a humanidade se recobre de diversos estratos de memória que se concretizam e designam em distintos tipos de materiais.

A *paisagem*, encontro de ambiente e cultura, é o material mais imediato e mais *extenso* da relação dos seres humanos com o seu passado. Nela se associam a expressão criadora da natureza, os seus constrangimentos e determinações; dela se retiraram os materiais que permitiram aos primeiros seres humanos materializar a sua história (mesmo quando ainda «pré-histórica») e que constituem os primeiros fundamentos da memória colectiva. Nesta revista, a primeira secção pretende justamente dar conta deste poder que a paisagem possui de registar nos seus elementos morfológicos a história concreta das grandes colectividades sociais.

Quando a cultura se sobrepôs às determinações rigorosas do ambiente, o ser humano foi capaz de organizar, numa singularidade da superfície terrestre – uma acrópole, uma confluência de linhas de água ou o centro de uma vasta planície –, um aglomerado urbano, uma *cidade*. Preenchendo o espaço, por vezes exíguo, de edificações, pretendeu tornar evidente a subordinação da natureza à «civilização», mas esta é uma «dominação» que eventos passados e recentes, como Pompeia ou Nova Orleães, vêm confirmar não ser inequívoca mas, pelo contrário, demonstrar que (como Ratzel já defendia há mais de um século, apesar de injustamente acusado de afirmar o contrário) nunca o ser humano está tão dependente da natureza como quando mais progride na «escala da civilização». As ruínas de grandes cidades, recordando o passado ilustre de civilizações extintas, foram justamente um dos *mobiles* do surgimento da Ciência

arqueológica no século XIX e são, ainda hoje, um dos mais fortes apelos à curiosidade arqueológica entre o público não especializado. Nelas se revivem episódios repletos de humanidade e o seu oposto – a serena majestade de Salomão, a autoritária indiferença dos Paleólogos.

Aproximando a escala, tornam-se mais nítidos os materiais que concretizam a vivência diária de homens e mulheres. A *casa*, nas suas variadas expressões morfológicas, é um elemento central do resgate da memória, da evocação da felicidade e também da recusa do perdão e do esquecimento. Bachelard dedica uma grande parte da sua *poétique de l'espace* a elementos da casa e sua significação poética e fenomenológica – o «sótão», o «móvel», o «canto», a «casa-como-concha», etc..., porque a casa constitui o *limes* entre a individualidade (ainda que familiar) e a comunidade, nela se incarnando as formulações mais intensas da identidade. Aí também, como nas cidades e nas paisagens, se registam momentos de repleta humanidade ou desumanidade que a Arqueologia evoca e de que impede o esquecimento.

Se nos aproximarmos um pouco mais deste objecto que anima a compilação de estudos desta revista – o ser humano e as marcas materiais da sua condição no passado – e o pudermos observar com maior detalhe, descobriremos que se reveste de materiais que são como que parte integrante do seu corpo e espírito. Não apenas o vestuário com que se cobre ou os produtos de que se alimenta, mas também os *textos* que lê, que escreve e que arquiva numa acumulação impressionante e narcísica da própria voz. Uma vez inscrito, em suportes mais ou menos imperecíveis, esta voz é capaz de lances do maior valor, que nos evocam uma memória «eterna» da humanidade, ao mesmo tempo que, como nos inúmeros registos documentais da intolerância dos autos de fé, narra também a perene vergonha da desumanidade – para que não se esqueça... nem se perdoe.

O *corpo* é a escala última do *télescope* da humanidade, o mesmo que a Arqueologia resgata mumificado de desertos, fossilizado de depósitos sedimentares, calcinado de urnas cinerárias, respeitado em rituais de deposição, violentado em fossas de enterramento comum. É o testemunho, fragmentário, do que foi em tempos um ser repleto de vida, um ser humano ou desumano, e que afirma, na sua concreta escatologia, a derradeira recusa do esquecimento e a perene recordação da maior de todas as ofensas – que a Criação ou a Evolução o deixem elevar-se a tão altos cimos para no fim lhe negarem a imortalidade.

Tal como a Alquimia, também a Ciência e cada uma das suas disciplinas são a expressão faustiana de um pacto. Tal como o original dos séculos «pré-científicos», a Arqueologia, nos «materiais da memória» que persistentemente recolhe, é diabolicamente sedutora – e reaviva a recusa do perdão porque impede o esquecimento.

A temática deste volume, memória e seus materiais, foi surpreendente e ecumenicamente (re)interpretada pelos autores que nele se propuseram participar, contribuindo com leituras assaz diversas para enriquecer o vasto território da memória. A diversificada interpretação do tema e as variadas perspectivas apresentadas exigiram um esforço de organização dos textos, em função das ideias centrais sugeridas pela abordagem deste

tema, antes enunciadas. Assim, destacaram-se quatro possíveis olhares sobre a memória, que se intitularam de *paisagem e memória*, *cidade e artefactos*, *o espírito do texto* e *a matéria do corpo*, dentro dos quais se alinharam os contributos deste volume. Sem qualquer pretensão de espalhar saberes ou encerrar narrativas, pretendeu-se apenas que esses olhares se constituíssem como possíveis ‘janelas de observação’ do carácter naturalmente fluido da memória e da natureza variada e sempre polissémica dos materiais que a evocam ou a constroem. É essa a leitura que se pretende oferecer ao leitor da colectânea de contribuições recolhidas neste volume, pese embora as hesitações em alinhar alguns dos textos, por se poderem enquadrar em diferentes olhares.

Em *Memória e paisagem* fornecem-se matéria e reflexões assaz heterogéneas. Hugo José Pereira fala-nos da construção da rede ferroviária no Minho, na segunda metade do século XIX, como que a lembrar-nos do carácter vertebrador do comboio na construção dos territórios da nossa modernidade, veículo indispensável no alargamento da memória. Já o artigo de Sílvia Correia transporta-nos para a institucionalização da memória colectiva, na circunstância da I Guerra Mundial, assumida pela Junta Patriótica Nacional, entidade a que coube celebrar a vitória e os seus heróis e projectar futuros lugares onde o evento fosse evocado. Por sua vez, Maria Otília Lage ajuda-nos a percorrer os sinuosos caminhos da Região Demarcada do Douro, para nos falar da importância da narrativa oral na construção de memórias e identidades diversas, sejam elas pessoais, locais, territoriais, usando como caso de estudo os trabalhadores da Quinta dos Canais.

Cidade e artefactos evocam a memória contida e interpretada nos objectos arqueológicos, mas também aquela que se pode extrair das materialidades escondidas sob os nossos pés ou dos documentos. O texto de Pedro Pereira, lembra-nos a importância da cerâmica de armazenagem, concretamente dos *dolia* romanos, exemplificando com o caso de estudo de Vale do Mouro, Coriscada, Meda. Também com um olhar arqueológico, Mário Cruz elabora sobre a produção secundária de vidro romano em Braga, em cujo processo se identifica vidro bruto importado ou material recolhido para reciclagem, usado, fragmentado, ou rejeitado. Já o artigo de Carla Maria Martins e Paula Abranches sobre a Praça do Infante remete-nos para a perda de memória dos lugares, quando estes se sujeitam a novos projectos e reutilizações que criam inevitavelmente novas memórias. Por sua vez, a memória documental da Sociedade Montepio dos Artífices da Baía oitocentista, em particular as suas atas, permitiu a Maria das Graças Leal analisar os confrontos entre grupos políticos rivais, mostrando a importância desse tipo de registos como elementos de memória.

Espírito do texto encerra numerosas contribuições onde a palavra escrita, o documento, o livro, os arquivos, as bibliotecas são abordados como diferentes materiais da memória. A importância dos arquivos e bibliotecas encontram expressão nos trabalhos de Fr. Geraldo Coelho Dias, que nos fala da Biblioteca do Mosteiro da antiga Congregação Beneditina Portuguesa, e de Maria João Oliveira e Silva, que se debruça sobre os fundos documentais da Sé do Porto para avaliar o pensamento e as práticas conservacionistas que estiveram na origem da organização desse arquivo desde a Idade Média. Por seu turno, Ana Sofia Ribeiro trata as letras de câmbio e a correspondência comercial como materiais comple-

mentares para a abordagem da história económica do Portugal quinhentista. Outros tipos de documentos, designadamente a literatura epistolar (Elsa Maria Pereira) e a fotografia (Maria do Carmo Serén), foram abordados e deram testemunho da sua importância enquanto materiais de memória. No primeiro caso, trata-se da correspondência de João Penha (1839-1919). Já a fotografia é perspectivada como documento, hoje necessariamente situado entre o registo e a manipulação, ou, nas palavras de Maria do Carmo Serén, entre a mediação técnica e cultural. Também a *Revista da Associação dos Engenheiros Civis Portugueses* (1870-1945) se constituiu material de memória para Cláudio Amaral, permitindo-lhe a situar a electricidade como tema criador de memória escrita. A encerrar, Isabel Leite brinda-nos com a evocação da importância do registo escrito e do livro, situando-o como referencial da memória para além da forma, do tempo ou do lugar.

Matéria do corpo integra cinco colaborações que abordam diferentes aspectos da relação das sociedades com a morte, a postura, a doença. Da complexa relação com a morte e a sua representação fala-nos Rogério Paulo Nunes de Sousa que nos mostra como um anónimo ataúde egípcio (ataúde A4 da Sociedade de Geografia de Lisboa) constitui um imenso repositório de memória material, na circunstância milenar. Por sua vez, Danny Rangel aborda o código de honra português e a sua influência na transformação da arte dos duelos em Portugal entre os séculos XIX e XX. Pela escrita de Ismael Cerqueira Vieira e por via da análise do Congresso da Liga Nacional contra a Tuberculose (1901-1907) ficamos a conhecer as opiniões e preocupações médicas e sanitárias para combater a grave doença que afligiu a sociedade portuguesa entre finais do oitocentos e a primeira metade do século XX. A rematar este olhar sobre o corpo enquanto memória, Rui Manuel Pinto Costa elabora sobre a historiografia do cancro, sintetizando os mais relevantes contributos sobre a temática.

José Ramiro Pimenta
Maria Manuela Martins
José Luís Meireles

(Editores da CEM 2011)